



Guitar Woman

Os homens não suportam Marnie Stern. Ela toca demais
Pág. D4

Tristão e Isolda

Em Manaus, uma ópera que deveria ser aplaudida por todos
Pág. D6

Don't let me down

Paul obscuro em nova biografia
Pág. D7



DIVULGAÇÃO

C2 + música

www.estadão.com.br

A história dos índios de Mato Grosso do Sul que criaram um grupo de rap para denunciar a dura realidade na tribo. Pág D5



RAPPERS DA ALDEIA




Venda especial de
SHOWROOM
descontos de até
50% off

artefactobasic.com.br

artefacto **BASIC**
Minha casa meu estilo

Somente em Pinheiros: R. Henrique Schaumann, 462 - T. 11 3897 8484
Promoção válida até 31/05, ou término dos estoques, confira na loja os produtos e condições de pagamentos. Foto ilustrativa.

MC'S GUARANIS



É nós.
Clemerson
(E), Charles,
Bruno e Kelvin
formam o
Brô MC's

Julio Maria
DOURADOS, MS

Os olhos do índio Bruno Verón dizem que algo na aldeia não vai bem. Junto a três outros jovens da mesma tribo, ele tranca o sorriso, amarra o Nike e mira o alvo: o governador de Mato Grosso do Sul, André Puccinelli. André está sentado na primeira fileira ao lado do prefeito de Dourados, Murilo Zauith, e de vereadores que inauguram com festa e discursos a Vila Olímpica Indígena da região, um espaço esportivo com campo de futebol e quadras de basquete. Bruno terá sua chance logo depois das meninas dançarinas da etnia terena. Assim que o locutor anuncia a entrada de seu grupo de rap, o Brô MC's, o índio procura pelo governador na plateia e joga a lança: "Esta vai pra vocês que não conhecem nossa realidade, que não sabem dos nossos dilemas. Aldeia unida, mostra a cara!"

A real que Bruno canta forte, em uma mistura de guarani e português, está bem perto daquele complexo esportivo de R\$ 1,6 milhão cheirando a tinta. Sua casa de quatro cômodos é dividida entre ele, a mãe, o pai e cinco irmãos. O avô morreu espancado supostamente por capangas de fazendeiros que queriam os indígenas longe dali. O irmão mais velho escapou por pouco, mas levou um projétil alojado na perna. Na casa dos Verón, arroz e feijão são lei. Carne, pouca. Salada, "coisa de paulista". Mandioca brota no quintal. Banho, só de

O que levou os garotos de uma reserva indígena em Mato Grosso do Sul a adotar o hip hop como cultura e a criar o primeiro grupo de rap indígena no Brasil

caneca. A geladeira está quebrada. A TV funciona. O Playstation, também. E sempre, a qualquer hora, os celulares dos garotos tocam Eminem, Snoop Doggy, Racionais, MV Bill e Fase Terminal.

O hip hop chegou às reservas indígenas de Mato Grosso do Sul como se fosse ali as quebradas do Capão Redondo. Para os filhos adolescentes das 15 mil famílias das etnias terena, guarani-caiová e guarani-nhandéva, era como se cada verso tivesse sido criado para suas próprias vidas. Se Mano Brown fala de conflitos entre pobres e policiais, eles têm pais e avós retirados de suas terras a tiros pelo homem branco. Se MV Bill cita o tráfico de drogas, seus amigos estão cada vez mais fascinados pelo crack. "É uma das regiões mais problemáticas do Brasil", diz o antropólogo especialista no grupo guarani há 40 anos, Rubem Thomaz de Almeida.

A luva também serve quando o assunto é música. O ritmo duro e constante de uma expressão

90% percussiva estaria facilmente em um ritual caiová. "Eu não pensava nessas coisas antes do rap. Ele que me fez ver nossa situação", diz Bruno Verón.

Foi em Bruno e no seu irmão Clemerson que o ritmo bateu primeiro. "É nossa chance de sermos ouvidos fora da aldeia", diz o líder. Kelvin e Charles, os outros dois integrantes e também irmãos entre si, foram recrutados na escola. Apesar dos nomes, todos são legítimos guarani-caiovás. Há muitos jovens registrados com 'nomes brancos' na aldeia, como se percebe em uma conversa rápida com os garotos sobre rock and roll. "E vocês conhecem os Beatles?" "Sim, o John Lennon mora logo ali", fala Charles, apontando para a vizinhança. Ele ri, mas é sério. John Lennon, Elton John, Jack, Jackson e Sidney Magal são índios de 16, 17 e 18 anos que também escutam rap. Os meninos andam pela reserva com camisetas do Eminem e dos Racionais MC's, tênis de basquete, bonés coloridos e celulares tocando rap. Quando se encontram, tocam as mãos abertas e depois fechadas como se faz na cidade. Muitos aprendem a dançar break em oficinas ministradas pela Cufa (Central Única de Favelas). Em uma delas, Higor Marcelo, cantor do grupo Fase Terminal, conheceu os garotos e passou a produzi-los. "Fiquei maravilhado quando ouvi", diz. Higor fez um CD demo



● E aí truta? Os garotos aprendem a dançar break em oficinas de hip hop. O ritmo é o mais ouvido entre os indígenas de 16 a 19 anos

dos garotos e agora fecha a produção para o fim do ano de um primeiro disco do Brô MC's.

Os ventos sopram a favor dos rappers da aldeia. A primeira vez que saíram de suas terras foi em setembro de 2010, quando fizeram um show nos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro. Uma garrafa pet guarda a água do mar que Kelvin trouxe de Copacabana. "Era muito salgada!" São Paulo eles conheceram em dezembro, quando fizeram um show no Sesc Belenzinho. "É abafado, parece que não tem ar." Ele sorri de uma teoria sua sobre as placas das ruas que viu. "Anhanguera é um diabo velho. Anhangabaú é espírito mal do rio. A gente diz aqui que vocês foram a um pajé bêbado para dar nome aos lugares." Os Brô MC's tocaram também em Brasília, na posse da presidente Dilma Rousseff.

E, assim, suas vidas vão ganhando instantes de fama. Clemerson é o mais procurado pe-

las garotas. "A gente dá autógrafa." Os olhos de guerreiro de Bruno são só para o palco. Fora dele, é um cavalheiro. Ao sair com o repórter pela aldeia de bicicleta, sugere uma caminhada quando sente o pulmão do parceiro saltando pela boca. Enquanto caminhamos, ele fala mais. Ao ver que o repórter usa aparelho dentário... "Eu tinha que usar isso, mas minha mãe disse que um raio poderia cair em mim." Ao passarmos por uma embalagem de camisinha jogada na estrada... "Aids aqui tem bastante, mas muitos meninos casam cedo, com 12, 13 anos." E ele? Não namora? "Namoro é como prisão, não dá pra fazer mais nada." Bruno é um cavalheiro e um sábio.

Um de seus raps se chama *Tupã* e mostra que o Brô MC's já cria seu próprio discurso. "Aldeia, a vida mais parece uma teia / que te prende e te isola, não quero tua esmola / nem a sua dó, minha terra não é pó / meu ouro

é o barro onde piso, onde planto / e que suja seu sapato quando vem na reserva fazer turismo / pesquisar e tentar entender o porquê do suicídio."

O alto índice de suicídio na tribo, sempre por enforcamento, atingiu o ápice em 2009, quando foram registradas uma morte a cada dois dias. "Até que uma criança de 8 anos se matou. Aí paramos para discutir", diz Nestor Verón, pai de Bruno. As explicações não fecham uma lógica. O enforcamento seria um simbolismo. O índio quer se expressar e não pode, então se enforca. Ou estaria passando por uma espécie de choque espiritual com a chegada de grupos religiosos cristãos. Nada é certo. "A alma de um suicida, acreditam eles, não sai pela boca, como deveria, mas pelo ânus. E então é incorporada por outro indivíduo que também irá se enforcar", diz o antropólogo Rubem Almeida.

Seja como for, o dilema se tornou combustível para a identidade de algo que já poderia ser chamado de 'rap guarani'. Afinal, um índio que se veste como Puff Daddy e diz 'e aí mano?' afoga a tradição de seu povo? "A cultura não é estática. Ninguém vive fora do mundo", diz a professora de antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Lúcia Helena Rangel. O fenômeno pode aguçar pesquisadores, mas o poder público parece longe de abraçá-lo. Ao fim do show do Brô MC's na inauguração da Vila Olímpica Indígena, o governador de Mato Grosso do Sul, André Puccinelli, é o único que não aplaude. "Não gostei, porque isso é música estrangeira. E eu sou nacionalista."

PEQUENO DICIONÁRIO DOS 'MANOS TUPI'

y nde ava
e aí mano?

ndoi gua'ai a picha
não tô ligado

ko tipo ijapu
seu comédia

y ko tipo
esse cara

ndai pori mba'e
se liga

y nó
sai fora

'Querida que o rap não fizesse sentido por lá'

Nos anos 90, era comum críticos fazendo a pergunta: "Como o rap chegou a São Paulo?" Os antropólogos logo perceberam que o que havia era um processo de identificação com a música por conta de rappers que viviam em seu cotidiano situações parecidas com as retratadas no rap americano.

O Brô expressa um processo mais amplo de chegada do rap aos jovens das aldeias. O cotidiano de um jovem guarani, hoje, envolve a convivência com um alto índice de assassinatos

e a luta contra a desesperança.

A raiz de todos os problemas é a falta de terras. Os guarani-caiovás passaram por um processo de confinamento ao longo do século 20. O que nós, antropólogos, temos denunciado na região é um genocídio e uma crise humanitária que exige a atenção de todo o País.

Se o Brô faz com que mais gente preste atenção ao que se passa por lá, tanto melhor, mas eu preferiria que o rap não fizesse sentido para eles, que a realidade fosse tão tranquila que os Racionais não tivessem nada a dizer aos jovens guarani-caiovás. Mas fatos são fatos.

* SPENSY PIMENTEL É PESQUISADOR DO NÚCLEO DE HISTÓRIA INDÍGENA E INDIGENISMO DA USP